



O drama satírico *Ônfale*, de Íon de Quios: comentários

Onphale, a satyr play by Ion of Chios: context and commentary

Wilson Alves Ribeiro Jr.¹

<http://orcid.org/0000-0002-6841-5697>

epwidos@my.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v11i2.61407>

RESUMO: O drama satírico *Ônfale*, de Íon de Quios (c. 484-422 aC), é uma representação dramática do mito de Hércules e da rainha lídia Ônfale. O contexto dos fragmentos e sua posição na estrutura dramática são brevemente comentados. Evidências textuais sugerem que o transvestismo de Hércules, mencionado com frequência do final do Período Helenístico em diante, estava já presente neste drama satírico do Período Clássico.

PALAVRAS-CHAVE: drama satírico; Íon de Quios; teatro grego; Hércules; Ônfale; transvestismo.

ABSTRACT: The satyr play *Onphale*, by Ion of Chios (c. 484-422 BC), is a dramatic representation of the myth of Heracles and the Lydian queen Omphale. The context of the fragments and their position in dramatic structure are also briefly commented. Textual evidence suggests that the transvestism of Heracles, frequently mentioned from the late Hellenistic Period onwards, was already present in this satyr drama of the Classical Period.

KEYWORDS: satyr-play; Ion of Chios; greek theatre; Heracles; Omphale; transvestism; cross-dressing.

¹ Médico, Mestre (2006) e Doutor (2011) em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Pesquisador do Grupo de Pesquisa "Estudos sobre o Teatro Antigo" (FFLCH-USP, CNPq, SBEC).



Os fragmentos do drama satírico *Ônfale*, de Íon de Quios (c. 484–422 a.C.), assim como os comentários dos autores que os conservaram, sinalizam que o enredo se baseia no episódio da servidão de Hércules junto à rainha Ônfale. Contém a tradução do contexto dos fragmentos e justificativas para sua associação aos personagens, ao antigo argumento e a algumas partes do drama.

Há 16 fragmentos certos e três duvidosos, todos oriundos de citação ou comentário lexográfico de autores tardios: Estrabon (F 18), Hesíquio (F 19 e 31), Ateneu (F 20, 21, 22, 23, 24, 26 e 29), Aristófanes de Bizâncio (F 25), Pólux (F *30 e *59) e Harpocrácio (F 32). Alguns autores são anônimos, como o desconhecido gramático do *POxy.* 1611, datado do século III d.C. (F 17a e 33a), os lexicógrafos do *Etymologicum Magnum*, compilado c. 1150 d.C. (F 27 e 28), e o escoliasta do F 33. Ocasionalmente, fontes diferentes foram conjugadas pelos editores² para contextualizar apropriadamente o fragmento, e.g. F 25, 27 e 28.

A numeração dos fragmentos, diferente em Bl., TrGF, L e Cip., certamente resulta da opinião dos editores sobre o posicionamento de cada fragmento no drama e na obra de Íon de Quios. Optei pelo sistema do TrGF, adotado também por KPS e Collard, mas sigo minha própria sequência, conforme reconstrução conjectural: F 33a e 33 (argumento); 17^a e 18–9 (prólogo); 21, 23, 20, 26–9 e *30 (cenas de banquete); 22, *59, 24–5 e 31 (cenas de transvestismo); e 32 (êxodo).

O texto grego dos fragmentos e de seu contexto foram transcritos a partir das fontes indicadas. Alguns fragmentos estão traduzidos nos comentários.

Título e personagens

ΟΜΦΑΛΗ ΣΑΤΥΡΙΚΗ

O título do drama satírico, Ὀμφάλη, está presente nos comentários de diversos fragmentos, e.g. F 18–21. Sabemos com certeza que se trata de σατυρική, ‘drama satírico’, não apenas pela dicção dos versos sobreviventes, pouco adequada a uma tragédia, mas também pela informação direta de Estrabon no contexto do F 18.

Nenhum fragmento pode ser atribuído com certeza às falas do ator que teria representado a rainha Ônfale; é improvável, no entanto, que o título se referisse a personagem não presente no drama.

² Edições principais: Bl. (F 60–76); TrGF 1.19 F 17a–33a + F *59? com acréscimos da p. 346 e do vol. 5.2, p. 1106; L (F 22–38); Cip. (F 1–19).

(argumento: F 33a e 33)

F 33a (= 37* L = *19 Cip.)

φη]σὶ δὲ [περὶ	e disse Íon
[? Ὀμφάλ]ης Ἴων[a respeito de Ônfale
[]λην τι[...

POxy. 1611 fr. 16.

O papiro está muito danificado e a reconstrução da passagem requer várias conjeturas, delimitadas no texto pelos parênteses. Creio que os F 33a e 33 podem ser parte de antiga *hypothésis* ou sumário do drama satírico³, e não parte do drama propriamente dito. As evidências são tênues e indiretas, porém sugestivas: o F 33a não remete a passagem específica do texto, embora não se possa excluir a possibilidade de essa menção ter se perdido. Usualmente os antigos autores que citam Íon de Quios se referem ao drama satírico *Ônfale* através da expressão (ἐν) Ὀμφάλη, no dativo; só uma vez Ateneu recorreu ao genitivo, ἐξ Ὀμφάλης (F 21), como no F 33a. É improvável que o nome do autor da *Ônfale*, que encontramos na parte não conjetural do fragmento, estivesse entre os versos do drama satírico. O anônimo autor do POxy. 1611, que anteriormente utilizou a expressão ἐν Ὀμφάλη no contexto do F 17a, provavelmente discorria sobre o drama propriamente dito (EASTERLING 2007, p. 283, n. 2), sem citar especificamente uma passagem. O assunto pode ter sido, por exemplo, a versão do mito de Ônfale adotada por Íon, o que aproximaria esse fragmento dos antigos sumários.

Minha opinião de que o autor do F33a comentava o drama e não uma simples passagem é reforçada pelos fragmentos papiráceos vizinhos do fr. 16 do POxy. 1611. O antecedente (fr. 15) contém as palavras Αἰδου, ‘Hades’ e Οδ]υσσευς, ‘Odisseu’; o subsequente (fr. 17), a expressão Θεοδεκ ?]τ[η]ς δ εν Ορστη[, ‘e Teodectes⁴, no *Orestes*’. Ou seja, o comentarista tratou, em sequência, da *Odisseia*, do drama satírico *Ônfale*, de Íon de Quios, e da tragédia *Orestes* de Teodectes.

F 33 (= 76 Bl. = 36 L = 18 Cip.)

(τούς) βαρβάρους, χελιδόνας

³ Muitos dramas antigos chegaram aos nossos dias acompanhados de breves sumários (lat. sg. *argumentum*) ou ὑποθέσεις (gr. sg. ὑπόθεσις) escritos por estudiosos antigos. Alguns informam data, premiação, personagens e, às vezes, os dramas do concurso; outros são pequenos resumos do enredo. Ver o conveniente resumo de Allan (2008, p. 142) sobre os tipos de *hypothésis*, com referências.

⁴ Orador e bem-sucedido poeta trágico da segunda metade do século IV a.C., obteve várias vitórias nos concursos de Atenas. Restam apenas alguns fragmentos de *Orestes*, *Helena*, *Édipo*, *Mausolo*, *Tideu*, *Filoctetes* e outras tragédias.

ΣRV Aristóφανes, *Aves* 1680.4–6: καὶ Αἰσχύλος τὸ βαρβαρίζειν ‘χελιδονίζειν’ (φησὶ) καὶ Ἴων ἐν Ὀμφάλῃ [F 33] ἀρσενικῶς⁵ φησιν, ὡς Ἡρωδιανὸς (...) φησίν.

: (diz) também Ésquilo que o piar das andorinhas é (o falar) dos bárbaros; e Íon diz, em *Ōnfale*, que [F33] é do gênero masculino, como diz Herodiano (...).

A comparação βαρβαρίζειν = χελιδονίζειν constitui o F 450 de Ésquilo e foi utilizada por ele nos vv. 1050–1 do *Agamémnon*⁶. A expressão retrata o ruído ininteligível do chilar das andorinhas e pode ter sido empregada por um dos personagens gregos ao se referir à fala dos não gregos em geral, ou à dos lídios em particular. O fragmento 33, “os bárbaros (falam) como andorinhas”, pode ser parte de antigo comentário sobre o drama satírico, pois os *scholia uetera* da comédia *Aves* de Aristóφανes remontam a proeminentes eruditos de Alexandria, possivelmente Calímaco, Eratóstenes, Lícofron, Eufρόνιο ou Aristóφανes de Bizâncio (DICKY 2007, p. 29).

Nesse caso, é razoável imaginar o fragmento como outra parte do antigo sumário do drama satírico, em trecho que mencionava especificamente o sotaque dos personagens não gregos, recurso nitidamente cômico. *Ōnfale* é o único personagem não grego cuja presença é certa, mas os sátiros do Coro podem, não obstante, ter se aclimatado na corte da rainha o suficiente para ter adotado, pelo menos em parte, o “bárbaro” modo de falar dos lídios.

Os antigos sumários dramáticos contêm, com frequência, informações sobre o concurso e pistas sobre a data da primeira representação do drama. Não há dados que precisem a estimativa citada, entre 452–448 e 422 a.C.

(prólogo: F 17a-19)

F 17a (= 60 Bl. = 22 L = 1 Cip.)

(ΗΡΑΚΛ.) Ὅρων μὲν [ἦ]δη Πέλοπος ἐξελαύ[νο]μεν, (1)
Ἑρμῆ, βόρειον [ἴπ]πον, ἄνεται δ’ ὁδός

POxy. 1611 fr. 2 col i.124–7: [. . .] ὁ ἐν τῇ Ἴωνο[ς Ὀμφ]άλῃ κατ’ ἀρχὴν λεγόμενος Ἡρακλέους βόρειος [ἴπ]πος οὕτως [F 17a].

: [. . .] o cavalo de Bóreas de Hércules, no início do (drama satírico) *Ōnfale* de Íon, deste modo: [F 17a].

⁵ O escoliasta empregou ἀρσενικῶς, forma adverbial variante do adjetivo ἀρσενικός, ‘masculino, macho’.

⁶ É Clitemnestra quem faz a comparação. Ver comentários de Fraenkel (1950, *ad loc.*).

O anônimo gramático do *POxy*. 1611 praticamente define Hércules como o personagem que enuncia os dois primeiros versos do prólogo (cf. TrGF e L *ad loc.*, KPS, p. 488; Maitland 2007, p. 275; Easterling 2007, p. 285). A presença de Hermes me parece assegurada pelo uso do vocativo Ἑρμῆ, embora possa se tratar de simples apóstrofe.

De acordo com Leurini (1981), o F 17a introduz mais um “personagem” dramático: o cavalo de Bóreas. Bóreas, o vento norte, gerou potros extremamente rápidos (*Iliada* 20.219–29) e cavalgar um deles possibilita grandes deslocamentos em pouco tempo, neste caso do Peloponeso à Lídia⁷. Além da questão da rapidez da viagem, a menção ao “cavalo de Bóreas” evoca outra possibilidade: a entrada de Hércules *ex machina*, sobre um cavalo artificial (Cip. p. 124). O personagem, depois de “voar” um pouco na *krádē*⁸ (KPS, p. 489), inicia o diálogo ao pousar. “Hermes”, no entanto, não precisa de montaria para se deslocar pelos ares e o ator poderia entrar logo depois do pouso e caminhar ao encontro de “Hércules” para dar seguimento ao diálogo. Esse recurso cênico não ficaria deslocado em um drama satírico, gênero que usa recursos estruturais da tragédia e procura provocar o riso. Note-se que nos vv. 79–236 de Paz, comédia de Aristófanes que menciona Íon de Quios (vv. 832–7), o herói cômico Trigeu cavalga um escaravelho gigante pelos ares, através da *krádē* e, ao chegar ao Olimpo, bate à porta e encontra Hermes. Talvez Aristófanes não tenha satirizado apenas o *Belerofonte* de Eurípides, consenso entre os eruditos, mas também o drama satírico *Ónfale*.

Pélops, o filho de Tântalo associado usualmente a Olímpia e a Pisa, na Élida, era originalmente da Lídia, segundo autores mais antigos (e.g. Píndaro, *Olímpicas* 1.24 e 1.36–38, 9.9). O topônimo Πελοπόννησος, ‘Peloponeso’⁹, recorrente em Heródoto, Isócrates, Tucídides e Demóstenes, parece remontar ao Período Arcaico (Hesíodo, *Catálogo das Mulheres* F 103 e 132; *hino homérico a Apolo*, e.g. 250 e 430); dentre os poetas trágicos, foi utilizado somente por Íon de Quios e por Eurípides (*Temnidas* F 730). A finalidade do autor deve ter sido assinalar que Hércules deixou o Peloponeso e os territórios gregos, como sugerem os verbos ἐξελαύ[vo]μεν e ἄνεται¹⁰.

Não podemos afirmar que o leilão relatado por Ferécides (F 82) foi encenado no drama satírico, como se vê no *Sileu*, de Eurípides (T iiiia, F 687–90), ou se foi apenas mencionado durante o diálogo entre Hermes e Hércules. Se considerarmos apenas os fragmentos remanescentes, o leilão certamente ocorreu em território grego antes da ação dramática e só coube a Hermes entregar a mercadoria à arrematante, na Lídia.

⁷ Ver Leurini (1981), Lehnus (1984) e referências.

⁸ Gr. κράδη, lit. ‘ramo de figueira’, apelido da grua que baixa os personagens em cena de comédias e dramas satíricos; ver Ribeiro Jr. 2018a, p. 127–8 e referências. Cip. (p. 124) fala em *mēchanē*.

⁹ Lit. ‘ilha de Pélops’. Embora o Peloponeso não seja uma ilha, o estreito Istmo de Corinto podia dar essa impressão (cf. Gerber 1999, p. 39, n. 4). Nos *Cantos Cíprios* (F 16), [Estasino] utilizou os dois vocábulos separados: νῆσον ἄπασαν Τανταλίδεω Πέλοπος, ‘toda a ilha de Pélops, filho de Tântalo’. E também Tirteu (F 2.15): εὐρεῖαν Πέλοπι οὐλοῦ νῆσον, ‘a extensa ilha de Pélops’.

¹⁰ Há controvérsias sobre o local de origem do voo de Hércules; ver Cip. (p. 123–4) e referências.

F 18 (= 61 Bl. = 23 L = 2 Cip.)

(EPMH?) Εὐβοῖδα μὲν γῆν λεπτοῦς Εὐρίπου κλύδων
 †Βοιωτίας ἀκτῆς ἐχώρισεν ἐκτέμνων
 πρὸς Κρήτα πορθμόν†

Estrabon 1.3.19: Ἴων δὲ περὶ τῆς Εὐβοίας φησὶν ἐν Ὀμφάλῃ Σατύροις. [F 18].

: a respeito da Eubeia, disse Íon no drama satírico *Ónfale*: [F 18].

O texto grego do F 18 é incerto, devido a deficiências nos manuscritos de Estrabon¹¹, mas a natureza satírica do drama está explícita no contexto: Ὀμφάλῃ Σατύροις, ‘no drama satírico *Ónfale*’. Os versos foram enunciados por Hermes ou por Hércules (TrGF *ad loc.*), não necessariamente logo após os dois versos do F 17a.

A passagem marca o cuidado de Íon com referências geográficas, inseridas talvez para lembrar os atenienses não habituados com viagens marítimas da localização da Lídia. Pode se tratar, também de reforço ao entendimento de que a ação dramática se passa em território bárbaro, não grego. Observar que, se o trajeto de Hércules começou no Peloponeso, conforme análise de Collard (p. 417, n. 2) e outros¹², Hermes e o herói sobrevoam a passagem marítima que, logo depois do Êuripo, conduz as embarcações da Beócia até Creta, passando pelas Cíclades.

Além do esclarecimento da questão geográfica, o fragmento também sinaliza que o mito abordado por Íon envolve as atividades de Hércules na Ecália e sua conseqüente sujeição a Ónfale. A menção à Eubeia evoca uma das localizações do reino de Ífito na Antiguidade¹³, adotada aqui por Íon e também por Sófocles (*Traquinianas* 74): perto de Erétria¹⁴.

F 19 (= 62 Bl. = 24 L = 3 Cip.)

σπίλον Παρνασσίαν

Hesíquio σ 1515: [F 19]. Ἴων Ὀμφάλῃ. οὐκ εὔ. σπιλάδες γὰρ πέτραι.

¹¹ Ver TrGF 1 p. 101 e TrGF 5.2 p. 1106: aparato crítico do F 18 e comentários de Kannicht *ad loc.*

¹² Cf. Huxley (1965, p. 41), Maitland (2007, p. 275) e Easterling (2007, p. 999).

¹³ Os escritores antigos divergiam quanto à localização precisa da Ecália — Eubeia, Tessália, Arcádia, Messênia? —, desconhecida até hoje. Ver Smith (1854, s.v. Oechalia).

¹⁴ Cf. Estrabon 10.1.10 e Pausânias 4.2.3.

: [F 19]: no (drama satírico) *Ónfale*, de Íon. Impróprio: pois ‘penhascos’ se diz ‘pedras’.

Hesíquio critica Íon de Quios por razões puramente estilísticas, talvez motivado pela escolha dos vocábulos que ele empregou no fragmento, diferente de expressão semelhante empregada por Aristófanes (*Nuvens* 603–4), Παρνασσίαν ... πέτραν, que tem dois substantivos femininos com o mesmo tipo de terminação¹⁵. O rochedo do Monte Parnasso é bem visível a partir de Delfos, sede do mais célebre oráculo helênico, e é possível que Héracles tenha recebido as ordens de Zeus através dele, como sustentam os mitógrafos tardios (Pseudo-Apolodoro, *Biblioteca* 2.6.2; Diodoro Sículo 4.31.5). Já que o F 17a provavelmente abre o drama satírico, a questão do oráculo pode ter sido abordada em alguma parte do diálogo entre Héracles e Hermes, com a finalidade de informar a razão da viagem do herói à Lídia.

Na primeira apresentação dos dramas gregos, a audiência era informada já nos primeiros versos sobre o núcleo básico do enredo, seja através da identificação de personagens de mitos conhecidos, seja através do mito propriamente dito, ou dos dois modos. Acredita-se que os F 17a, 18 e 19 fazem parte do prólogo, uma vez que eles identificam importantes personagens e trazem importantes referências geográficas e míticas. O prólogo deve ter sido representado do lado de fora do palácio, provavelmente diante de entrada bem visível.

(párodo)

No párodo dos dramas satíricos, o coro de sátiros usualmente entra em cena — ou “irrompe”, como no *Círon* de Eurípides —, canta e dança¹⁶. Não há, porém, evidências diretas da presença dos sátiros nos fragmentos de *Ónfale* ou nos seus contextos; também não há evidência conclusiva da presença de Sileno. Easterling (2007, p. 283) acredita, no entanto, que Sileno era certamente um dos personagens deste drama satírico; ver F 20 e *30, *infra*.

É possível, creio, que um drama satírico se desenvolva sem Sileno, mas não sem os sátiros... Embora nenhum fragmento apresente estrutura métrica apropriada ao párodo, há evidências indiretas da participação dos sátiros e de sua caracterização nos F 20, 22 e 31 *infra*.

¹⁵ A rigor, σπίλον e Παρνασσίαν estão no acusativo feminino singular. Σπίλον é, no entanto, termo pouco usado e tem desinência habitualmente encontrada em palavras masculinas. Os dicionários (e.g. LSJ e Bailly, s.v. σπίλος) a consideram masculina ou feminina, feminina quando empregada para designar rocha ou rochedo. Não houve, portanto, impropriedade da parte de Íon e, na tradução portuguesa, essas características do grego antigo passam praticamente despercebidas.

¹⁶ Ver, particularmente: Eurípides, *Ciclope* 41–81 e *Círon*, argumento (POxy. 2455 fr. 6.74–90); Sófocles, *Rastejadores* F 314.64–133; e Ésquilo, *Competidores nos Jogos Ístmicos* F **78a–c.

(episódios e estásimos: F 20-31)

Os F 20-31, a seguir, estão inseridos no faustoso banquete do qual Hércules participa e que serve de pano de fundo para o drama satírico (TrGF 1 p. 102; Collard p. 416). Nenhum fragmento pode ser atribuído aos estásimos, cantados em metros líricos¹⁷, e também não é possível agrupá-los nos episódios declamados desde o final do párodo até o êxodo¹⁸. É possível, todavia, dividir os fragmentos entre dois grandes temas, possivelmente aqueles que interessaram os antigos autores e motivaram as citações e comentários que chegaram aos nossos dias:

a) o banquete: música, bebida e comida, com destaque para os notórios excessos gastronômicos e étlicos de Hércules, i.e. F 21, F 23, F 20, F 26-9, F *30.

b) o transvestismo, no qual os sátiros provavelmente colocam roupas femininas e maquiagem em Hércules, i.e. F*59, F 22, F24-25, F31.

a) música, bebida, comida

A impressão geral dos fragmentos é de luxuoso banquete, condizente com as ideias dos atenienses sobre a riqueza de Cresos (e.g. *Heródoto* 1.30) e outros potentados lídios.

F 21 (= 64 Bl. = 38 L = 5 Cip.)

(HPAKΛ.) ἐνιαυσίαν γὰρ δεῖ με τὴν ὀρτὴν ἄγειν

Ateneu 6.258f: ἐξ Ὀμφάλης Ἴωνος τοῦ τραγωδιοποιοῦ· [F 21].

: do (drama satírico) *Ónfale*, do poeta trágico Íon: [F 21].

Não por coincidência, um ano é justamente o período de servidão que Hércules foi compelido a cumprir, de acordo com Sófocles (*Traquinianas* 69-70; 252-3). Segundo o poeta, a servidão do herói foi humilhante¹⁹, mas a passagem conservada por Ateneu, “tenho que manter o festim durante um ano”, indica que, na versão de Íon de Quios, o tempo dispendido pelo herói não foi propriamente desagradável. O F 22 *infra* sugere que Hércules foi até mesmo tratado como ‘hóspede, convidado’ (ξένον) da rainha, e não como servo. Este F 21 parece exprimir a surpresa

¹⁷ O metro básico do párodo do *Ciclope* de Eurípides é, por exemplo, o dímeter coriâmbico eólico (ver Seaford 1984, *ad loc.* 41-81; Willink, 2001).

¹⁸ Nos fragmentos de *Ónfale*, predomina o trímetro iâmbico (F 17a-29 + *59); apenas o F 20 é um tetrâmetro iâmbico acatalético; aos F *30-33a não é possível aplicar análise métrica. Ver Cip. (p. 122-38).

¹⁹ Ver seção *Ónfale, Hércules, mito e drama* na parte 1 do artigo.

de Hércules ao descobrir que sua penalidade consistia em um ano inteiro de festividades, façanha digna dele. Cip. (*ad loc.*) defende, por outro lado, que se trata apenas de festividade que se repetia anualmente.

F 23 (= 66 Bl. = 26b L = 7 Cip.)

(ΟΜΦΑΛΗ) Λυδός τε μάγαδις αὐλὸς ἠγείσθω βοῆς

Ateneu 14.634c: Ἴων δ' ὁ Χῖος ἐν Ὀμφάλῃ ὡς περὶ αὐλῶν λέγει διὰ τούτων [F23]. ὅπερ ἐξηγούμενος ἱαμβεῖον Ἀρίσταρχος ὁ γραμματικός γένος αὐλοῦ φησιν εἶναι τὸν μάγαδιν,

: Íon de Quios, no (drama satírico) *Ōnfale*, diz que é como tocar o aulo, por meio destes (versos): [F 23]. Ao interpretar os (versos) iâmbicos, o gramático Aristarco disse que o *mágadis* é da família do aulo.

O elusivo μάγαδις αὐλὸς, ‘aulo *mágadis*’, mencionado nos F 22 e 23, foi objeto de várias especulações na Antiguidade. Sua natureza é longamente discutida por Ateneu que, no contexto do F 23, apresenta testemunhos de que ele pertence à família do aulo e é, portanto, instrumento de sopro; no contexto do F 22, todavia, fornece evidências de que ele é instrumento de corda. Resumo da ópera: não sabemos até hoje se o *mágadis* era instrumento de sopro, da família do aulo, ou instrumento de corda, da família da harpa²⁰. Note-se que os estudiosos antigos não viram pessoalmente o instrumento e limitam-se a citar fontes literárias.

É provável que o verso seja declamado por *Ōnfale*, dada a presença da forma imperativa ἠγείσθω (ver F 20 *infra*).

F 20 (= 63 Bl. = 25 L = 4 Cip.)

(ΟΜΦ.) ἴτ' ἐκφορεῖτε, παρθένοι, κύπελλα καὶ μεσομφάλους

Ateneu 11.501f: Ἴων δ' ἐν Ὀμφάλῃ [F 20]. οὕτω δ' εἶρηκε τὰς βαλανειομφάλους, ὧν Κρατῖνος μνημονεύει ... φιάλας²¹ ...

: e Íon, no (drama satírico) *Ōnfale* [F 20]. E aqui ele quis dizer “com protuberância igual à valva de uma banheira”, como foi lembrado por Cratino, em ... “fialas” ...

²⁰ Ver referências antigas e discussão em West (1992, p. 72-4; 77; 91); KPS (p. 485, n. 13); Cip. (p. 130-3); Power (2007, p. 195-6); Maitland (2007, p. 271-4).

²¹ Sigo, na tradução, a vernaculização do termo grego φιάλη proposta pelo projeto “A nomenclatura dos vasos gregos em português”, coordenado por Haiganuch Sarian (MAE-USP), em andamento.

Ateneu se estende longamente a respeito de certos vasos com umbilicação central, citando numerosas obras e autores, entre eles Cratino, Timarco, Teopompo, Ferécrites, Íon de Quios e o drama *Ônfale*; diz, em essência, que Íon menciona vasos em forma de prato fundo (fialas), com protuberância arredondada no centro da parte interna, semelhante ao umbigo (ὀμφαλός, ‘umbigo’) — clara alusão à rainha Ônfale (MAITLAND 2007, p. 277; cf. LORAUX 1995, p. 119 n. 15). Muito utilizados em libações durante o Período Clássico, vários exemplares de fialas²² sofisticadas e umbilicadas dos séculos VI a.C. e posteriores foram encontrados perto de Sardis há alguns anos e estão atualmente no Museu Vedat Nedim Tör, de Istanbul (ÖZGEN 2020).

Os editores não atribuem o fragmento a personagem específico; parece-me, no entanto, que o uso do imperativo por alguém que exige providências domésticas restringe as opções à rainha, dona de tudo e de todos. De forma mais autoritária do que no F 23 *supra*, ela se dirige às παρθένοι, ‘donzelas’, talvez servas da rainha, representadas por personagens mudos. Steffen (1979, p. 70), Sutton (1988, p. 88, n. 3) e Collard (p. 417 e 421 n. 7) propuseram, por outro lado, que essas donzelas são os sátiros vestidos com roupas femininas²³, hipótese instigante e, a meu ver, razoável²⁴; a mesma consideração vale para o F 22, *infra*. Outra possibilidade, que considero mais remota, é Sileno ter assumido o papel de mestre de cerimônias da rainha.

Aparentemente, a rainha pede fialas para oferecer libações e dar início ao banquete... ou propiciar os deuses pela chegada do novo servo de aparência feroz²⁵. O F 20 pode também, por outro lado, ser imaginado pouco antes do párodo, quando o Coro de sátiros transvestidos vai entrar em cena, atendendo o chamado da rainha. Ele faria parte, nesse caso, de curta cena no final do prólogo, na qual Hermes entrega Hércules a Ônfale ou a outro personagem (Sileno?) que introduz o herói no palácio.

F 26 (= 69 Bl. = 32 L = 11 Cip.)

οἶνος οὐκ ἔνι
ἐν τῷ σκύφει

²² A fiala era uma tigela achatada, em forma de disco, sem alças, parecida com um prato fundo. Alguns exemplares possuíam protuberância central arredondada, oca na parte externa, própria para a inserção de um dos dedos durante a manipulação; daí o nome μεσόμφαλος, ‘com umbigo ou bossa no centro’, ou ὀμφαλωτός, ‘com uma bossa’. Ver Walters (1905, p. 191-2 e fig. 58), Richter e Milne (1935, p. 29-30 e fig. 181).

²³ Há pelo menos duas cenas de vasos de figuras vermelhas que mostram sátiros com roupas femininas (Brommer 21959, n° 118 e 118a, citado por Sutton 1988, p. 88, n. 3; e O’Sullivan 2013, p. 16. n. 60).

²⁴ O mesmo deve ocorrer no *Círon* de Eurípides: os sátiros se disfarçam de prostitutas para atrair os passantes (*POxy.* 2455 fr. 6.84-90; F 675-6). É possível que os sátiros usem roupas femininas também no *Adespota* F 667a, drama possivelmente satírico sobre o mito de Medeia (Collard, p. 491).

²⁵ Ver Eurípides, *Síleu* F 689-90.

Ateneu 11.498e: Ἴων δ' ἐν Ὀμφάλῃ [F 26].

: mas Íon, no (drama satírico) *Ônfale*, [F 26].

Ateneu recorreu ao uso da palavra σκύφος no gênero neutro. O fragmento pode ser associado tanto aos sátiros quanto a Hércules, notáveis e notórios bebedores de vinho. O esquifo não era utensílio refinado²⁶, mas se prestava a grandes quantidades de bebida. O ciclope Polifemo, por exemplo, tinha um esquifo de madeira, com “três cúbitos” de largura, para tomar grandes quantidades de vinho (Eurípides, *Ciclope* 390-1; 411; 556). O tema foi também utilizado por Sófron (F 14) e pelos poetas cômicos (OLSON 2007, p. 53).

O F 26 pode ser uma reclamação de Hércules, ou comentário espantado de um dos outros personagens do drama, que possivelmente se dirige ao herói no F 27.

F 27 (= 70 Bl. = 33 L = 12 Cip.)

ἔσπεισας· ἀλλὰ πῖθι Πακτωλοῦ ροάς

Etymologicum magnum 671.41²⁷: πῖθι [F 27]· ἀντὶ τοῦ πῖε, Ἴων ἐν Ὀμφάλῃ.

: bebe (πῖθι): [F 27], ao invés de bebe (πῖε), (como) em Íon, no (drama satírico) *Ônfale*.

O anônimo autor do comentário desejava apenas discutir a propriedade de duas diferentes desinências na formação do imperativo aoristo ativo, 2^a do singular (ou indicativo aoristo ativo, 3^a do singular) do verbo πίνω, ‘beber’. A menção ao Pactolo, rio que passava ao lado do palácio real, em Sardes, é uma das evidências de que o drama satírico é ambientado no palácio de Ônfale.

Assim como o F 26, este fragmento aparentemente se refere aos excessos etílicos habituais dos simpósios e talvez, especificamente, aos excessos de Hércules no festim de Ônfale. Íon imaginou que, depois de derramar uma pequena quantidade de vinho para a libação, passa-se a beber muito ou, talvez, continuamente — daí o recurso à imagem da corrente do rio. KPS, Collard e Cip.

²⁶ Tigela ou caneca rústica para beber, com pé e duas alças. Ver Walters (1905, p. 184-6); Richter e Milne (1935, p. 26-8 e fig. 170-7).

²⁷ A passagem está igualmente presente em léxico compilado 2-3 séculos antes, o *Etymologicum Genuinum* (séc. IX), s.v. πῖθι, mas sem atribuição.

consideram a questão água / vinho de forma mais literal e simposiástica²⁸; L atribui o fragmento aos sátiros.

F 28 (= 71 Bl. = 30 L = 13 Cip.)

ἔξανθρακώσας πυθμέν' εὐκηλον δρυός

Fócio, 34.2²⁹: <Εὐκηλον>· εὐκαυστον, εὐσχιστον· Ἴων ἐν Ὀμφάλῃν [F 28].

: (εὐκηλον): fácil de queimar, fácil de partir: Íon, no (drama satírico) *Ónfale*, [F 28].

F 29 (= 72 Bl. = 31 L = 14 Cip.)

ὑπὸ δὲ τῆς εὐφημίας
κατέπινε καὶ τὰ κᾶλα καὶ τοὺς ἄνθρακας

Ateneu 10.411b: ἦν καὶ ὁ Ἡρακλῆς ἀδηφάγος (...) Ἴων δ' ἐν Ὀμφάλῃ ἐμφανίσας αὐτοῦ τὴν ἀδηφαγίαν ἐπιφέρει· [F 29].

: Hércules era também um glutão (...) e Íon, no (drama satírico) *Ónfale*, após destacar sua voracidade, acrescenta: [F 29].

F *30 (= 73 Bl. = 29* L = *15 Cip.)

εἶχεν ... τοὺς ὀδόντας ... τριστοίχους Ἡρακλῆς

Rólux 2.95: (...) ἔγραψεν (...) Τίμαρχος ... διστοίχους δ' εἶχεν ἄρα τῶ Ἀριστοτέλους λόγῳ τοὺς ὀδόντας, κατὰ δὲ τὴν Ἴωνος τοῦ Χίου δόξαν τριστοίχους Ἡρακλῆς.

: (...) Timarco (...) escreveu que, na obra de Aristóteles, os dentes ocorriam em duas fileiras, mas, na opinião de Íon de Quios, Hércules (tinha) três fileiras.

²⁸ KPS (p. 489) menciona *Wasser zu trinken*, 'água para beber', pensando talvez no hábito grego de juntar água ao vinho; Cip. (*ad loc.*, p. 136) menciona o contraste entre vinho e água e Collard (*ad loc.*, p. 423), a preparação de Hércules para um "simpósio" estilo lídio

²⁹ Também presente no *Etymologicum Genuinum* (séc. IX) e no *Etymologicum Magnum* (1050). Fócio (c. 810-893) é do século IX.

Os F 28, 29 e *30 podem ser associados à conhecida gulodice de Hércules e seu aterrorizante, excessivo e cômico apetite³⁰: o herói seria capaz de devorar um carvalho inteiro (F 29) e até as cinzas do sacrifício (F 29), além de ter três fileiras de dentes (F *30).

O F *30 é, na verdade, uma paráfrase (Collard, p. 423 n. 14) que reforça a monstruosa voracidade de Hércules. Através de hiperbólica comparação, Íon coloca a gulodice de Hércules muito além dos hábitos de animais ferozes e de grande porte³¹, mas sem atingir os exageros de Calímaco³². Consta que o médico Ctésias de Cnido escreveu, na fantasiosa obra *Indica*, que existia na Índia um animal com três fileiras de dentes (F 45α-δ), o martichóra, ‘devorador de homens’ (Aristóteles, *História dos Animais* 501a), mas a duvidosa informação, escrita provavelmente após 415 aC³³, não estava disponível na época de Íon. Dentre as referências antigas sobre os dentes humanos³⁴, a única que Íon pode ter tido em mãos é o tratado hipocrático ‘Do corpo’, datado de 450-400 aC; o texto não aborda, contudo, detalhes da anatomia bucal do homem³⁵. Íon inspirou-se provavelmente no relato do poeta da *Odisseia* a respeito de Cila, o monstro de seis cabeças com três fileiras de dentes cada uma (12.85-92). Os três casos conhecidos de entidades com três fileiras de dentes — Cila, martichóra e Hércules — são todas sobre-humanas e assustadoras.

Quais personagens estariam dizendo essas passagens (F 28-9 e *30) no palco, provavelmente comentários sobre o mais conhecido herói da Hélade? Hermes, antes de entregar Hércules à rainha? Sileno? Os sátiros? Ônfale? Personagens que representam nobres lídios com uma ou outra fala no drama satírico? Não há elementos que nos permitam concluir, infelizmente.

b) transvestismo

As evidências iconográficas do transvestismo de Hércules e Ônfale datadas dos Períodos Arcaico e Clássico são promissoras, porém inconclusivas; nem mesmo isso se pode dizer das fontes

³⁰ Tema constantemente utilizado pelos poetas cômicos e por Eurípides. Ver Eurípides, *Alceste* 747-832; para temas do drama satírico, em geral, Seaford 1984 (p. 33-44) e KPS (p. 666-7); para a glotonaria e excessos alcoólicos de Hércules na comédia antiga e no drama satírico, O’Sullivan (2013, p. 14); Ribeiro Jr. (2018b, p. 193-4).

³¹ Em *Partes dos animais* 662a, ao mencionar a dentição dos peixes, Aristóteles destaca que dentes numerosos e em vários lugares são mais eficazes para cortar os alimentos em pedaços.

³² No *hino a Ártemis* 159-60, Calímaco destacou que, mesmo deificado, Hércules ‘não deixou a glotonaria’. Ver Loraux (1995, p. 23 e n. 42-44).

³³ Data estimada da chegada de Ctésias à Pérsia; ver Nichols (2008, p. 12).

³⁴ Sobre a dentição dos animais, ver *História dos animais* 501a-502a, *Partes dos animais* 655b; 661a-662a e *Da geração dos animais* 788b-789b, de Aristóteles. A despeito do título, o tratado hipocrático tardio *Περὶ ὀδοντοφυΐης*, ‘Da dentição’, discorre sobre problemas e doenças que afetam crianças durante a dentição, e não sobre a dentição propriamente dita. Há algumas menções aos dentes humanos em outros tratados; ver MacFarlane (2016).

³⁵ O desenvolvimento da dentição humana é abordado nos parágrafos 12-13 do *Περὶ σαρκῶν*. O tratado especula sobre a formação de várias outras partes do corpo humano.

literárias anteriores ao século I a.C.³⁶. Até o momento, nossas melhores evidências literárias desse aspecto do mito de Hércules são os fragmentos de Íon de Quios.

Menções a cosméticos (F 24, 25 31) e a uma túnica aparentemente pequena para um homem que a usa (F *59) sugerem que “Hércules” foi adornado e enfeitado durante o drama, talvez durante um dos cantos corais. Os fragmentos que restaram podem ser uma apresentação do resultado desse procedimento.

F 22 (= 65 Bl. = 26a L = 6 Cip.)

(ΟΜΦ.) ἄλλ' εἶα, Λυδαὶ ψάλτραι, παλαιθέτων
ῥυμῶν ἀοιδοί, τὸν ξένον κοσμήσατε

Ateneu 14.634e: Δίδυμος ὁ γραμματικὸς ... μάγαδιν αὐλὸν ἀκούει τὸν κιθαριστήριον ... ἐλλείπειν οὖν δεῖ παρὰ τῷ Ἴωνι τὸν τε σύνδεσμον, ἴν' ἢ μάγαδις αὐλὸς θ' ὁ προσαυλούμενος τῇ μαγάδιδι. ἡ γὰρ μάγαδις ὄργανόν ἐστι ψαλτικόν, ὡς Ἀνακρέων φησί, Λυδῶν τε εὐρημα, διὸ καὶ τὰς Λυδὰς ψαλτρίας φησὶν εἶναι ὁ Ἴων ἐν τῇ Ὀμφάλῃ ... [F 22].

: Dídimo, o gramático ... entende que o aulo *mágadis* é (instrumento) usado para acompanhar a cítara ... de fato ele diz que Íon falhou ao omitir o conetivo τε, de modo que seria “aulo (e) *mágadis*”, o aulo acompanhando o *mágadis*. O *mágadis* é, pois, (instrumento) de corda, como diz Anacreonte, inventado pelos lídios e, por essa razão, Íon, no (drama satírico) *Ônfale*, diz que as (mulheres) lídias são harpistas... [F 22].

Ateneu conservou o fragmento ao longo da extensa e infrutífera discussão sobre a natureza do aulo *mágadis* (ver F 23 *supra*), mas a questão mais importante deste fragmento é a interpretação e tradução do verbo κοσμέω. Observar o uso do imperativo, κοσμήσατε, empregado de forma semelhante à do ἐκφορεῖτε do F 20: com certeza é *Ônfale* quem dá as ordens³⁷.

Cip. (p. 129-30) pontuou que uma das possíveis traduções de κοσμήσατε é ‘celebrai em versos, elogiaí’ (cf. Píndaro, *Nemeias* 6.46; Tucídides 2.42). Nessa leitura, bem justificada por Cip., as harpistas lídias teriam sido instadas a cantar em homenagem ao “hóspede”. Na interpretação alternativa de Meinecke, que depende por sua vez de uma correção no texto de Ateneu³⁸, as harpistas cantariam uma espécie de canção de ninar para acalmar Hércules.

³⁶ Ver síntese das evidências disponíveis na parte 1 do artigo.

³⁷ TrGF, KPS, Cip., Collard e Cyrino (1998, p. 218) atribuem dubitativamente o fragmento a *Ônfale*, sem apresentar argumentos específicos.

³⁸ κοσμήσατε Ateneu *op. cit.* | κοιμήσατε Meinecke (WEST, *ad* TrGF 5.2 p. 1106 = 19 F 22 app. cr.), ‘ponham para dormir, acalmem’.

Creio que é preciso levar em conta a natureza satírica do drama, o desenrolar da ação e o impacto visual pretendido por seu autor. O verbo κοσμέω significa, de forma geral, “arranjar, preparar, organizar” e, em relação a mulheres, também “adornar, vestir, embelezar”. O mais provável é que a rainha não ordena apenas que Hércules, tratado por ela como “hóspede” (ξένος), fosse acomodado para desfrutar a música e o festim, ou ouvisse versos a respeito de suas façanhas, mas que fosse adornado e embelezado à moda lídia para se integrar às festividades. Provavelmente ele chegou à Lídia vestindo a pele do leão de Nemeia³⁹.

As “harpistas lídias”, a quem Ônfale elogia “pomposamente” (Cip. p. 129) ou, talvez, ironicamente, eram os sátiros, maquiados e vestidos com roupas femininas (POWER 2007, p. 197). Se aceitarmos essa possibilidade, não faria sentido a rainha ordenar que harpistas vestissem Hércules... Ver também F 20 *supra*.

F *59 (= 104 Bl. = 73* L = *10 Cip.)

βραχὺν λίνου κύπασσιν ἔς μηρὸν μέσον
ἔσταλμένος

Pólux 7.60: Λυδῶν δὲ χιτῶν τις (...) ποδήρης. ὁ δὲ κύπασσις λίνου πεποίητο, μικρὸς χιτωνίσκος, ἄχρι μέσου μηροῦ, ὡς Ἴων φησὶ. [F *59]

: um quítion dos lídios (...) cai sobre os pés. Colocado, porém, (ἐ) o *kýpassis*, túnica curta de linho, quítion muito pequeno: chega à metade da coxa dele, como disse Íon: [F *59].

Este fragmento é atribuído a Íon, mas nenhuma de suas obras foi especificada por Pólux; desde Meinecke (1842, *apud* Cip. p. 114), no entanto, diversos estudiosos o atribuem ao drama satírico *Ônfale*, embora com ressalvas⁴⁰. No contexto da citação, Pólux descreve um quítion usado pelos lídios, especificando que ele chega aos pés; mas, colocado “nele” (μηρός é genitivo masculino sg.), parece apenas um *kýpassis*, que chega à metade da coxa. Ou seja, Pólux fala de alguém do sexo masculino e muito alto que aparece em uma das obras de Íon de Quios. Se estamos falando de Hércules, qual teria sido a importância da cena, em termos daquilo que Íon de Quios pretendia apresentar? Poderia se tratar de prelúdio da conhecida aventura amorosa entre senhora e escravo? Ou ela simplesmente enfeita o herói à moda lídia, luxuosa e efeminada aos olhos da plateia (EASTERLING 2007, p. 287),

³⁹ Cf. Eurípides, *Sileu* F 688.

⁴⁰ Ver Collad 2013 (p. 416) e referências, entre elas Bl. (p. 42); Leurini (1981); TrGF (p. 105); Cip. (p. 134-5) e Maitland (2007, p. 277-8).

em cômico contraste com a feroz e rústica virilidade de Hércules ao entrar em cena?⁴¹ O F 24 *infra* reforça o contraste entre o luxo lídio e a simplicidade peloponésia.

Além de atribuir o fragmento a *Ónfale*, a maioria dos eruditos também associa o F *59 ao episódio do transvestismo de Hércules e *Ónfale*. KPS (p. 487) e Easterling (2007, p. 291) são céticos, mas Easterling (p. 287) concede, no entanto, que Hércules ostenta luxuosa veste lídia que “parece mais feminina do que masculina”, pelo menos aos olhos da plateia.

A meu ver essas últimas ponderações são razoáveis, mas as evidências se somam a favor do transvestismo: homem alto com veste mais curta do que deveria ser; autoria de Íon de Quios; drama não especificado, mas dificilmente de natureza trágica; e, é claro, tudo que já sabemos sobre o mito do transvestismo de Hércules⁴². E devem ser acrescentados os F 24-5 e 31 discutidos a seguir, pois mencionam adornos considerados femininos e que provavelmente eram parte da transformação de Hércules.

F 24 (= 67 Bl. = 27 L = 8 Cip.)

βακκάρις δὲ καὶ μύρα
καὶ Σαρδιανὸν κόσμον εἶδέναι χροός
ἄμεινον ἢ τὸν Πέλοπος ἐν νήσῳ τρόπον

Ateneu 15.690b: ὀνομάζεται τι μύρον βάκκαρις, οὗ μνημονεύει καὶ Ἰππῶναξ (...). Ἀχαιοὺς δ' (...). Ἴων Ὀμφάλη: [F 24].

: há um unguento denominado *bákkaris* que Hipônax menciona (...) e Aqueu também. Íon, no (drama satírico) *Ónfale*: [F 24].

Βακκάρις é palavra de origem lídia (LSJ, s.v.) que se refere provavelmente às bagas do ásar, *Asarum europaeum*, planta aristoloquiácea⁴³.

Ingredientes como esse, utilizados para tratamentos da pele, são associados por Ateneu na mesma passagem, logo a seguir, ao proverbial luxo dos lídios: διαβόητοι ἐπὶ ἡδυπαθείᾳ οἱ Λυδοί, ‘os lídios são famosos pelo luxo’. A intenção de Íon era certamente contrastar o luxo lídio com o frugal estilo de vida dos habitantes do Peloponeso, nomeadamente o argivo Hércules (HUXLEY 1965, p. 42). Ver também Maitland (2007, p. 277) e F 25 *infra*.

⁴¹ Eurípides, *Silen* F 689.

⁴² Ver síntese das informações e referências.

⁴³ Grupo com várias espécies de trepadeiras ornamentais, e.g. cipó-mil-homens e jarrinha-preta. Existe, em português, a palavra “bácaris”, mas ela se refere a uma planta da grande família das asteráceas, que compreende carquejas, hortaliças (alface, chicória), flores (crisântemo, girassol) e outras. Há outras possibilidades: ver Cip. p. 133-4.

Considerando-se que o drama foi apresentado diante de plateia ateniense, pode se tratar ainda de uma pequena provocação aos espartanos, a quem Íon de Quios aparentemente conhecia (WEST 1985; STEWART 2019).

A menção a Sardes sugere que o drama satírico se passa no palácio dos reis da Lídia, situado nessa localidade às margens do rio Pactolo (F 27 *infra*).

F 25 (= 68 Bl. = 28 L = 9 Cip.)

καὶ τὴν μέλαιναν στίμμιν ὀμματογράφον⁴⁴

Aristófanis de Bizâncio F 23 (= F 51 Nauck): (Στίμμις,) ἡ εἰς τὰ ὄμματα χρήσιμος, Αἰγυπτίων μὲν ἐστὶ φωνή· κεῖται δὲ ὅμως καὶ παρὰ Ἴωνι τῷ ποιητῇ ἐν τῷ [F 25]. Cf. Pólux 5.101: ἡ στίμμις παρ' Ἴωνι ἐν Ὀμφάλῃ [F 25].

: (Stímmis,) utilidade para os olhos, é uma palavra egípcia, encontrada igualmente no poeta Íon, no seu (verso) [F 25]. Cf. Pólux 5.101: a stímmis em Íon, no (drama satírico) *Ónfale* [F 25].

A *stímmis* era antimônio negro em pó, utilizada para pintar os olhos (contorno e pálpebras), provavelmente costume de origem egípcia.

Assim como o fragmento anterior, o F 25 está relacionado com os exóticos e luxuosos hábitos lídios (cf. Xenófanis F 3; Heródoto 1.155-7; Ésquilo, *Persas* 41-2) e frígios (Eurípides, *Ifigênia em Áulis* 71-4), notoriamente efeminados do ponto de vista grego.

F 31 (= 74 Bl. = 34 L = 16 Cip.)

ἐρρωπίζομεν

Hesíquios ε 6050. [F 31]· Ἴων Ὀμφάλῃ.

[F 31]: Íon, no (drama satírico) *Ónfale*.

Hárax que os estudiosos antigos já tinham dificuldade de explicar⁴⁵. Élio Dionísio (ε 65) associou a forma verbal ἐρρωπίζομεν ao substantivo ῥῶπος (KPS, p. 486 n. 18), que dicionários

⁴⁴ Um hápax.

⁴⁵ Flexão de ῥωπίζω (indicativo imperfeito ativo, 1ª do plural).

modernos⁴⁶ traduzem por ‘mercadoria de pequeno valor, miudeza’. Trata-se possivelmente de conjunto de pequenos adornos (brincos, colares, prendedores de cabelos etc.).

De acordo com KPS e Collard (p. 423 n. 15), o verso que contém ἔρρωπίζομεν é provavelmente enunciado pelo Coro de sátiros. Ou, naturalmente, por um personagem singular que recorre ao sujeito no plural.

Este fragmento está provavelmente relacionado com a transformação de Hércules, como todos os outros desta seção. Em conjunto, eles sugerem que o drama satírico *Ônfale* mostrava, em cena, o transvestismo do personagem (POWELL 1995 p. 259-60; KPS p. 489-90). Há evidências do relacionamento amoroso entre Ônfale e Hércules em fontes do início do Período Clássico, mas não há textos ou documentos iconográficos incontestáveis do transvestismo, um dos elementos mais interessantes do mito de Hércules, antes do Período Helenístico. Ele tem sido discutido nas últimas décadas sob diferentes vieses⁴⁷, mas para os estudiosos de mitos gregos e dramas antigos, uma das questões mais importantes é determinar a contribuição de fontes anteriores ao final do Período Clássico a o estabelecimento desse tema na tradição mítica e na recepção do drama antigo.

Analizados os fragmentos atribuíveis ao prólogo, párodo, episódios e estásimos, verificamos que não há evidências de relacionamento amoroso entre Ônfale e Hércules, mas há evidências razoáveis, embora circunstanciais, de que o tratamento humorístico do transvestismo apresentado por Íon de Quios no drama satírico *Ônfale* pode ter se tornado, em termos cronológicos, o ponto de partida de comédias e dramas subsequentes. Essa possibilidade reflete o fato de os antigos comentadores só terem conservado lembranças atribuíveis ao transvestismo em relação à *Ônfale* de Íon de Quios. Não há nenhuma evidência em testemunhos e fragmentos dos outros dramas intitulados *Ônfale*, nem em outros dramas do Período Clássico e Helenístico nos quais se suspeita que o mito de Hércules e Ônfale tenha sido abordado.

(êxodo: F 32)

F 32 (= 75 Bl. = 35 L = 17 Cip.)

θίασος

Harporácio 156.3-6 Dindorf. [F 32] (...) ἐστὶ τὸ ἀθροιζόμενον πλῆθος ἐπὶ τελετῇ καὶ τιμῇ θεῶν (...). Ἴων δὲ ἐν Ὀμφάλῃ κοινῶς ἐπὶ παντὸς ἀθροίσματος ἔταξε τοῦνομα.

⁴⁶ Bailly e LSJ s.v.; Beeker e Beek (2010, p. 1297).

⁴⁷ Ver fontes do mito de Hércules e Ônfale.

: [F 32] (...) é uma reunião de muita gente para praticar rituais e honrar os deuses (...), mas Íon, no (drama satírico) *Ônfale*, usou o substantivo de modo geral, para (designar) qualquer aglomeração.

Harpocrácio afirma que Íon recorreu ao substantivo *thíasos* para designar agrupamento não específico de personagens, ou seja, sinaliza que no drama satírico *Ônfale* ele não foi utilizado para referência aos sátiros, companheiros de Dioniso⁴⁸. Dispomos apenas da palavra isolada e realmente não temos plena certeza do sentido no qual ela foi empregada por Íon. Sabemos, no entanto, que “thíasos” é palavra associada a agrupamentos de diversas entidades e que os únicos personagens que atuam como grupo no drama satírico são os sátiros. Temos que considerar, portanto, a possibilidade de Íon ter utilizado o substantivo *thíasos* no sentido mais óbvio, relacionado diretamente ao coro de sátiros e sua atuação no drama satírico. Como *thíasos* é palavra mais utilizada para designar rituais de celebração das divindades, particularmente Dioniso (Heródoto 4.79; Eurípidas, *Bacantes* 680; Aristófanes, *Rãs* 156), acho mais provável que Íon a tenha empregado para se referir, talvez até com certa ironia, a um grupo de sátiros distante da companhia de Dioniso. Existe, naturalmente, a remota possibilidade de o poeta ter se referido a um grupo de figurantes que estariam presentes no palco para dar a impressão, em cena, de um grande banquete em andamento.

Se aceitamos a associação entre *thíasos* e sátiros em *Ônfale*, certamente não é possível especificar precisamente em qual parte do drama a palavra foi empregada. Uma das probabilidades que considero atraente é consequência da questão de os sátiros estarem já presentes no palácio antes da chegada de Hércules (F 20 e 22) por razões acidentais, relevantes ou irrelevantes, todas certamente cômicas e independentes de sua vontade⁴⁹. A conjunção de opressor (*Ônfale*), oprimidos (sátiros) e a vinda do herói errante (Hércules) que salva a todos caracteriza o satírico tema do “ogro opressor”⁵⁰: caracteristicamente, os sátiros são obrigados pelo ogro a realizar tarefas sem relação com Dioniso até a vinda do herói errante. No presente caso, *Ônfale*, mestre benévola de servos involuntários e comicamente oprimidos por luxo, música refinada e enormes quantidades de comida e vinho, sem dúvida é um ogro não monstruoso⁵¹, possibilidade já defendida por Easterling (2007, p. 285–6). Note-se que a libertação dos sátiros não requer, necessariamente, que o drama represente a passagem do tempo de um ano, mencionada no F 21. A ação do drama grego usualmente se desenrola dentro do limite de algumas horas e é altamente improvável, conseqüentemente, que o

⁴⁸ Os dicionários confirmam que a palavra pode efetivamente designar vários tipos de agrupamento, desde grupos de jovens (Eurípidas, *Ifigênia em Táuris* 1146) até grupos militares (Eurípidas, *Fenícias* 796) e de divindades como as Musas (Aristófanes, *Tesmofoeriantes* 41).

⁴⁹ Em Eurípidas, *Cíclope* 11–26, os sátiros naufragam perto da ilha dos ciclopes enquanto procuram o deus Dioniso, retido pelos piratas tirrenos, e são escravizados por Polifemo.

⁵⁰ Ver Sutton (1974), Seaford (1984 p. 33–6), Shaw (2018, p. 114) e Ribeiro Jr. (2020), com referências.

⁵¹ Sobre Polifemo e os ogros não monstruosos de Eurípidas, ver Ribeiro Jr. (2020).

drama satírico retratasse extensão temporal muito longa. Um anúncio de sátiros e herói libertados no futuro próximo seria suficiente.

Se é esse o caso, o êxodo é a melhor ocasião para anunciar que o *thíasos* voltará a servir Dioniso (Collard p. 417).

Abreviaturas bibliográficas

- Bailly BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec Français*, rédigé avec le concours de Émile Egger. 16e éd. revue par Louis Séchan et Pierre Chantraine. Paris: Hachette, 1950.
- Bl. BLUMENTHAL, Albrecht von. *Ion von Chios, die Reste seiner Werke*. Stuttgart / Berlin: Kohlhammer, 1939.
- Cip. CIPOLLA, Paolo. ‘Ione di Chio’. In CIPOLLA, Paolo, *Poeti minori del dramma satiresco*. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, p. 106–38, 2003.
- Collard COLLARD, Christopher. ‘Major Fragments of Greek satyric drama’. In O’SULLIVAN, Patrick; COLLARD, Christopher, *Euripides Cyclops and Major Fragments of Greek Satyric Drama*. Oxford: Oxbow Books, p. 227–514, 2013.
- Jennings JENNINGS, Victoria; KATSAROS, Andrea (ed.). *The World of Ion of Chios*. Leiden / Boston: Brill, 2007.
- KPS PECHSTEIN, Nikolaus; KRUMEICH, Ralph. ‘Omphale’. In KRUMEICH, Ralf; PECHSTEIN, Nikolaus; SEIDENSTICKER, Bernd (ed.). *Das griechische Satyrspiel*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 479–90, 1999.
- L LEURINI, Aloisius (Luigi). *Ionis Chii testimonia et fragmenta*, 2ª ed. Amsterdam: A.M. Hakkert, 2000.

- LSJ LIDDELL, Henry G.; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*, Ninth Edition with Revised Supplement. Revised and augmented by Henry S. Jones, with the assistance of Roderick McKenzie. Supplement edited by P.G.W. Glare, and with the assistance of A.A. Thompson. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- TrGF SNELL, Bruno; KANNICHT, Richard; RADT, Stephan. *Tragicorum graecorum fragmenta*, v. 1-5 (1, *didascaliae et tragici minores*; 2, *adespota*; 3, *Aeschylus*; 4, *Sophocles*; 5a-b, *Euripides*). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986-2007.

Referências bibliográficas

- ALLAN, William. **Euripides Helen**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BEEKES, Robert; BEEK, Lucien van. **Etymological Dictionary of Greek**, vol. 1. Leiden / Boston: Brill, 2010.
- BROMMER, Frank. **Satyrspiele: Bilder griechischer Vasen**, 2nd ed. Berlin: De Gruyter, 1959.
- DICKEY, Eleanor. **Ancient Greek scholarship**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- EASTERLING, Pat. Looking for Omphale. In **Jennings**, p. 282-92, 2007.
- FRAENKEL, Eduard. **Aeschylus Agamemnon**, vol. 2: commentary on 1-1055. Oxford: Clarendon Press, 1950.
- GERBER, Douglas E. **Greek elegiac poetry from the seventh to the fifth centuries BC**. Cambridge MA / London: Harvard University Press, 1999.
- HUXLEY, George. **Ion of Chios**. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Durham NC, v. 6, p. 29-46, 1965.
- LEHNUS, Luigi. Ancora Ione di Chio "TrGF" 19 F 17a. **Quaderni Urbinati di Cultura Classica**, New Series, v. 17, n. 2, p. 137-9, 1984.
- LEURINI, Luigi. Il βόρειος ἴππος di Ione di Chio 19 F 17a Sn. **Quaderni Urbinati di Cultura Classica**, New Series, v. 9, p. 155-61, 1981.
- LOREAUX, Nicole. Herakles, the supermale and the feminine. Trad. Robert Lambertson. In: LORAUX, Nicole. **The experiences of Tiresias: the feminine and the Greek man**. Trad. Paula Wissing. Princeton NJ: Princeton University Press, p. 116-39, 1995.
- MACFARLANE, Patrick. Teeth in the Hippocratic Corpus. In: DEAN-JONES; Lesley; ROSEN, Ralph M. (ed.), **Ancient Concepts of the Hippocratic: papers presented at the XIIIth International Hippocrates Colloquium**. Austin, Texas, August 2008. Leiden / Boston: Brill, p. 273-91, 2016.
- MAITLAND, Judith. Ion of Chios, Sophocles and Myth. In **Jennings**, p. 266-81, 2007.
- NICHOLS, Andrew. **The complete fragments of Ctesias of Cnidus: translation and commentary with an introduction**. PhD Thesis, 252p. Gainesville: University of Florida, 2008.
- OLSON, S. Douglas. **Broken Laughter**. *Select Fragments of Greek Comedy*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

- O’SULLIVAN, Patrick. General Introduction. In O’SULLIVAN, Patrick; COLLARD, Christopher, **Euripides Cyclops and Major Fragments of Greek Satyric Drama**. Oxford: Oxbow Books, p. 1-72, 2013.
- ÖZGEN, İlknur. *Lydian treasure*. URL <http://sardisexpedition.org/en/essays/latw-ozgen-lydian-treasure>. Data: 05/04/2020.
- POWELL, Anton. Athens’ pretty face: anti-feminine rhetoric and fifth-century controversy over the Parthenon. In POWELL, Anton (ed.), **The Greek World**. London / New York: Routledge, p. 245-70, 1995.
- POWER, Timothy. Ion of Chios and the politics of *polychordia*. In **Jennings**, p. 179-205, 2007.
- RIBEIRO JR., Wilson A. A recepção das tragédias fragmentárias de Eurípidas nos séculos V e IV a.C. **Codex - Revista de Estudos Clássicos**, v. 6, n. 2, p. 123-51, 2018a. DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v6i2.21153>
- RIBEIRO JR., Wilson A. Busíris, um drama satírico de Eurípidas. **Codex - Revista de Estudos Clássicos**, vol. 6, n. 1, p. 182-99, 2018b. DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v6i1.15237>
- RIBEIRO JR., Wilson A. A caracterização de Polifemo no “Ciclope” de Eurípidas. **Codex - Revista de Estudos Clássicos**, vol. 8, n. 1, p. 281-300, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.33634>
- RICHTER, Gisela M.A.; MILNE Marjorie J. **Shapes and names of Athenian vases**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1935.
- SEAFORD, Richard A.S. **Cyclops of Euripides**. Oxford: Oxford University Press, 1984.
- SHAW, Carl A. **Euripides: Cyclops**. London / New York: Bloomsbury, 2018.
- SMITH, William. **Dictionary of Greek and Roman Geography**, 2 v. London: Walton and Maybery / John Murray, 1854.
- STEFFEN, Wiktor. **De Graecorum fabulis satyricis**. Wrocław: Zakład Narodowy im. Ossolińskich, 1979.
- STEWART, Edmund. Ion of Chios: the case of a foreign poet in classical Sparta. **Classical Quarterly**, v. 68, n. 2, p. 394-407, 2019.
- SUTTON, Dana F. A handlist of satyr plays. Cambridge MA / London: **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 78, p. 107-43, 1974.
- SUTTON, Dana F. Evidence for lost dramatic hypotheses. **Greek, Roman and Byzantine Studies**, v. 29, n. 1, p. 87-92, 1988.
- WALTERS, Henry B. **History of ancient pottery**, v. 1. New York: Scribner, 1905.
- WEST, Martin L. Ion of Chios. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, v. 32, n. 1, p. 71-8, 1985.
- WEST, Martin L. **Ancient Greek music**. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- WILLINK, Charles W. Notes on the parodos and other cantica of Euripides’ *Cyclops*. **Mnemosyne**, v. 54, n. 5, p. 515-30, 2001.

